**Heptaméron**

Essa vida durou por muito tempo; mas o Rei, sendo pessoa pública, não teve como dissimular seu amor de modo que ninguém se desse conta, e toda a gente tinha dó do fidalgo, pois vários rapazes de má índole mostravam-lhe um chifre pelas costas, em sinal de zombaria, coisa que ele não deixava de ver. Mas essa zombaria lhe agradava tanto que chegou a ter pelos chifres a mesma estima que tinha pela coroa do rei; certo dia, o rei e a mulher do fidalgo não se aguentaram mais e, vendo uma galhada de cervo [*cerf*] bem no alto de uma parede, na casa do fidalgo, largaram a rir diante dele, dizendo-lhe que a galhada ficava bem naquela casa. O marido, que não perdia o bom ânimo, mandou escrever sobre a galhada:

Eu porto estes chifres, não há quem não os veja,

Mas não falta quem os porte sem saber que o faz.

O rei, voltando para casa, acho original o escrito e pediu ao fidalgo que o explicasse, ao que este lhe disse: “Se o segredo do Rei não se revela para o servo [*serf*], não há razão para que o segredo deste se revele para o rei; mas não nos preocupemos, pois quem porta cornos não anda, por isso, com o chapéu fora do lugar, pois os chifres são tão leves que não deixam ninguém de cabeça descoberta, **e leva-os com mais leveza aquele que pensa não os portar**.”

O Rei percebeu, por essas palavras, que o outro sabia alguma coisa de seu caso, mas não suspeitou da amizade entre ele e a Rainha, pois esta parecia contente com a vida que seu marido levava e fingia não se zangar, de modo que viveram longamente, um ao lado do outro, em boa amizade, até que a velhice dispôs de outra maneira.

Eis aqui, minhas senhoras, uma história que lhes conto com prazer, para servir de exemplo: quando seus maridos lhes meterem chifres de corça, metam-lhes chifres de cervo.